

AS PAIXÕES ESTÓICAS E ARISTOTÉLICAS: APROXIMAÇÕES E DIVERGÊNCIAS

Daniel Felipe Couto Vieira Silva¹

RESUMO: Neste trabalho, apresentaremos duas das principais teorias das paixões da antiguidade grega. A partir da filosofia de Aristóteles e dos estoicos da “antiga *stoa*”, apontaremos algumas aproximações possíveis para entender a importância da paixão no contexto da *polis* e, também, como essas duas perspectivas filosóficas apresentam suas respostas à “questão das paixões”, tendo sempre em mente o lugar do ser humano na busca pela felicidade e a sua ação na vida comum. Tomando como base a *Retórica* de Aristóteles e a filosofia estoica preservada por Diógenes Laércio, tecemos comentários conceituais e teóricos sobre as divergências e proximidades perceptíveis nos dois pensamentos.

Palavras-chave: Aristóteles, Retórica, Paixões, Estoicos.

ABSTRACT: In this work, we will present two of the main theories of the passions of Greek antiquity. From the philosophy of Aristotle and the Stoics of the “ancient *stoa*”, we will point out some possible approaches to understand the importance of passion in the context of the polis and, also, how these two philosophical perspectives present their answers to the “question of passions”, always keeping in mind the place of the human being in the search for happiness and its action in common life. Based on Aristotle's Rhetoric and the Stoic philosophy preserved by Diogenes Laertius, we make conceptual and theoretical comments on the differences and proximities that are perceptible in the two thoughts.

Keywords: Aristotle, Rhetoric, Passions, Stoics.

INTRODUÇÃO

As paixões fazem parte da natureza humana. Essa afirmação é um ponto comum entre os filósofos gregos e com ela concordam aristotélicos e estoicos. Na história da filosofia não há como deixar de identificar em Aristóteles a figura central da “sistematização do pensamento filosófico” como conhecemos hoje denominando-o como

¹ Doutorando em Filosofia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG/CAPES), Mestre (2020) e Bacharel (2017) em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

o “precursor da investigação científica”, no que poderíamos chamar de primórdio da “ciência experimental”². Porém, uma outra escola desenvolveu uma “sistematização” do seu pensamento, atribuindo à sua filosofia uma organicidade harmônica com a sua própria concepção de cosmo, apresentando várias questões que podem ser aproximadas do pensamento aristotélico, contribuindo para identificar caminhos comuns do pensamento grego sobre o ser humano a natureza: os estoicos.

Uma “sistematização” filosófica das teorias engloba, na perspectiva dos estoicos, a sua divisão em três partes: física, ética e lógica³. Podemos identificar, também na estrutura aristotélica, uma divisão semelhante, agrupando os escritos éticos, físicos e lógicos com os que tratam da poética e metafísica, relacionando-os em um dos grupos dos estoicos, e correspondendo a um corpo coeso no que foi denominado como *Corpus Aristotelicum*⁴. Essa tripartição do pensamento filosófico, mesmo que não aconteça da mesma maneira nas diferentes tradições da filosofia antiga, parece corresponder a uma ideia comum de quais eram os elementos constitutivos do cosmo sobre os quais era possível a investigação e o conhecimento a partir das capacidades da alma humana.

Na discussão proposta neste trabalho, perceberemos que mesmo com a divisão da investigação filosófica a questão das paixões perpassa tanto a constituição da alma quanto a linguagem e a ética. O *pathos* é um assunto de recorrente investigação filosófica no período da antiguidade e influencia as teorias éticas, psicológicas, políticas e epistemológicas, com recomendações do controle racional das paixões por meio da razão como se a relação paixão-razão fosse um contraponto. Se razão (*logos*) e paixão (*pathos*) não são antagônicos, como acreditamos, pelo menos possuem uma relação de imbricação, onde um pode influenciar o outro de maneira que, no descontrole de um destes elementos o outro consegue tomar o “domínio do corpo”. Essa relação nos mostra como a constituição da *psyche* é importante no entendimento do *pathos* e como as consequências

² Sabemos que existe uma série de discussões contemporâneas sobre a sistematização, ou não, da filosofia aristotélica. Apesar da consciência dessa querela, apontamos aqui, apenas de maneira geral, a perspectiva adotada durante muito tempo pela história da filosofia.

³ Encontramos essa referência em Diógenes Laércio, Cf. D.L. 7, 1,39.

⁴ Utilizamos a divisão do *Corpus Aristotelicum* feita por Andrônico de Rodes, fazendo essa aproximação possível com a divisão estoica, mas conscientes de que a filosofia aristotélica e a estoica sistematizam os seus estudos de maneira diferente.

das paixões em no nosso agir (questões éticas) podem ser fundamentais na elaboração de um “projeto” filosófico.

Buscando apresentar como as paixões se configuram nestas duas escolas do pensamento grego (aristotélicos e estoicos), faremos uma explanação de cada uma das perspectivas filosóficas e, em seguida, analisaremos as divergências e aproximações que possuem. Neste trabalho comparativo, acreditamos poder apresentar algumas “questões de fundo” que estão presentes no contexto grego, principalmente na vida e política da *polis*, e que influenciam no desenvolvimento do pensamento filosófico e no projeto de formação do cidadão virtuoso ou do sábio.

AS PAIXÕES ARISTOTÉLICAS

Escolhemos como referência para a nossa análise o que Aristóteles nos fala das paixões⁵ (*pathé*) no livro II da *Retórica*⁶, onde o problema da análise das paixões está intimamente ligado ao ser humano e ao seu comportamento, no contexto de sua vida política, como cidadão da *polis*. Essas paixões, como elementos constitutivos da natureza humana, não devem ser isoladas e estudadas separadamente, como um problema filosófico pontual determinado por sua particularidade, mas consideradas dentro de um sistema filosófico que estrutura o ser humano e as suas relações como um todo. É dessa maneira que Aristóteles fala do *pathos* na análise retórica, e é por esta via que iremos analisar as paixões como impulsos constitutivos da natureza humana capazes de alterar o julgamento e a ação da vida na *polis*.

Aristóteles passou a maior parte de sua vida em Atenas, e o contexto da *polis* foi decisivo para que pudesse desenvolver sua *Retórica*, produto da sua habilidade incomum de observação da natureza e dos seres humanos, da intensa experiência de convívio com os grandes oradores (presenciando os discursos ou tendo contato com as transcrições) e da leitura dos textos de seus antecessores. Para entendermos a característica e a importância do falar em público no âmbito da Grécia antiga, é preciso reiterar a forma de

⁵ Apesar da maioria das traduções utilizarem o termo emoção para definir *pathos*, seguindo a escolha teórica de Isis B. Fonseca, sempre que nos referimos a *pathos* optamos por utilizar paixões.

⁶ Aristóteles também insere uma “teoria das paixões” em sua *Ética a Nicômaco*, como veremos adiante no texto.

organização política das cidades. A democracia grega – e em específico a política ateniense – tinha como um de seus fundamentos a representatividade de todos os cidadãos⁷. Tal representatividade se dava nas assembleias, onde o direito de fala era igual para todos. As decisões e os interesses eram defendidos, expostos e julgados conforme os discursos. Falar bem era condição essencial para exercer a cidadania.

Sensível à essa condição, Aristóteles traz em seu texto a dimensão da retórica como caminho para o convencimento e a vida pública⁸. É perceptível a intenção do filósofo de apresentar uma análise fundamentada e coerente sobre a arte do discurso – *technē rhetorikē* – em contraposição aos sofistas que ensinavam em Atenas. Em nossa leitura, Aristóteles, diferentemente de Platão que condena duramente esta arte – principalmente nos diálogos *Fedro* e *Górgias* -, trataria a retórica como uma das faces da filosofia, tendo em vista que ela também se ocupa de uma das possibilidades/caminhos do conhecimento⁹: as questões relacionadas ao discurso público/jurídico.¹⁰

Como atividade fundamental do cidadão grego, e de maneira geral, do ser humano, a retórica é utilizada mesmo que não se tenha realizado o processo de ensino da arte (*technē*). “Simplesmente, na sua maioria, umas pessoas fazem-no ao acaso, e, outras, mediante a prática que resulta do hábito. E, porque os dois modos são possíveis, é obvio que seria também possível fazer a mesma coisa seguindo um método.” (*Retórica*, I, 1354a).¹¹

Porém, quando Aristóteles nos diz sobre a arte retórica, ele está se referindo a um conjunto de regras, relações e princípios gerais que ainda não foram expostos pelos antigos tratados. Para o filósofo esses ensinamentos anteriores lidam apenas com uma

⁷ Na *polis* eram considerados cidadãos os homens adultos com posses e que sua família residia na cidade há gerações. O tempo de estadia exigido variava de acordo com cada *polis*, e, em alguns momentos específicos, houve a inclusão de *metecos* (*estrangeiros*) ao corpo de cidadãos por razões sócio/políticas, como é possível conferir no trabalho de: JONES, Peter V. *O mundo de Atenas: uma introdução à cultura clássica ateniense*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 155-250.

⁸ Cf. *Retórica*, I, 1354a-1354b.

⁹ Aristóteles trata o conhecimento como uma ação plural, possuindo diversas maneiras de buscar a verdade/conhecimento. Sobre isso, o professor Otfried Höffe (2008) nos fala no seu livro *Aristóteles* que “Aristóteles consegue alargar a riqueza das possibilidades epistêmicas, sem se perder em mera multiplicidade”.

¹⁰ É neste sentido que o professor Kennedy opta por nomear a sua tradução do texto de Aristóteles como: *Retórica: a arte do discurso cívico* (tradução nossa).

¹¹ Todas as citações da *Retórica* presentes nesse trabalho foram retiradas da tradução de Manuel Alexandre Junior, Paulo Farhouse Alberto e Abel do Nascimento (Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005).

parte da retórica e, por isso, são incompletos. Podemos verificar esse ataque direto aos antigos “sistemas” quando ele nos diz que eles não tratam dos entimemas¹², ou que dedicam os seus tratados a questões que são exteriores ao assunto. Aristóteles não nega a importância destes elementos – nos quais encontramos as paixões –, apenas assinala que eles são uma parte da retórica e que essa engloba inúmeros outros aspectos ainda não tratados.¹³

Para Aristóteles, um discurso – seja ele do tipo que for – possui dois elementos que estão em constante relação: o orador e um auditório. Diferente da dialética, onde o interlocutor está ativo e também interpela, em um movimento de troca argumentativa, na práxis retórica o orador profere o discurso e o auditório o recebe, assimila e dá uma resposta. Sendo assim, o elemento de convencimento entrelaça as qualidades e a técnica do orador e a disposição/paixão suscitada no auditório. Para que um discurso tenha êxito em seu convencimento precisa articular três elementos: o *ethos*, o caráter do orador, o *pathos*, o sentimento causado no auditório e o *logos*, a própria argumentação, a verdade ou veracidade do discurso. Estes três caracteres se intercalam, inter-relacionam e se combinam, e o convencimento se torna frágil caso um desses seja colocado em questionamento por parte do auditório. É mais difícil persuadir se a argumentação é verossímil, desperta as paixões necessárias, mas a reputação do orador é contrária e traz descrédito. Da mesma maneira, um orador renomado e de boa reputação e que profere um discurso bem argumentado de acordo com a verdade, mas que não produz nenhuma emoção no interlocutor terá dificuldade no seu intento. As paixões podem ser suscitadas de maneira intencional pelo orador, mas não dependem somente da sua técnica e intenção, elas “afetam” o auditório de maneira particular, sendo sentidas individualmente pelos receptores do discurso, e, a medida da intensidade dessa paixão é, também, a força que ela possui para alterar a capacidade de julgamento. O discurso persuasivo deve ter os três elementos bem relacionados e também contar com os fatores do indivíduo que o recebe.

¹² Entimema, a grosso modo, é um silogismo retórico: um silogismo em que uma premissa está omitida. A retirada da premissa acontece porque considera-se que todos sabem/conhecem a informação e não é preciso reproduzi-la. Não é uma ausência que contraria a regra silogística, mas uma supressão. Dessa maneira, quando um entimema desrespeita tal regra e conclui um raciocínio ilegítimo, ele será um entimema aparente.

¹³ Cf. *Retórica*, I, 1354a – 1354b.

Percebemos que a retórica se utiliza das paixões no seu processo de convencimento, mas o que é esse *pathos* e como a produção de paixões é importante para a alteração dos juízos? Se os três elementos da retórica são importantes para o convencimento, como eles se articulam e qual o papel do *pathos*?

As paixões estão ligadas ao ser humano e à sua relação com os outros, e possuem uma faceta, portanto, ético-política. Talvez seja tal aspecto que tenha conduzido o interesse de Aristóteles em desenvolver o problema das paixões, também, no contexto da *Ética a Nicômaco*:

Por paixões entendo os apetites, a cólera, o medo, a audácia, a inveja, a alegria, a amizade, o ódio, o desejo, a emulação, a compaixão, e em geral os sentimentos que são acompanhados de prazer ou dor; (...) (*Ética a Nicômaco*, N, 1105b 22-24).

As paixões podem influenciar os juízos, uma vez que o orador consegue afetar o seu ouvinte. Tais paixões não necessariamente são acompanhadas de uma atividade reflexiva sobre eles, estão na ordem dos impulsos, da passividade. Não é um assentimento intelectual da razão à paixão sentida, mas uma condução da ação pelo impulso causado pela paixão. A influência das paixões na deliberação do auditório se torna explícita quando o filósofo nos diz que:

os fatos não se apresentam sob o mesmo prisma a quem ama e a quem odeia, nem são iguais para o homem que está indignado ou para o calmo, mas, ou são completamente diferentes ou diferem segundo critérios de grandeza (*Retórica*, II, 1377b-1378a).

Essa capacidade que as paixões possuem de alterar o juízo precisa levar em consideração três aspectos: o estado de espírito, contra quem e em que circunstâncias. Para entendermos essa relação dos aspectos, tomamos como exemplo a própria explicitação do Estagirita em relação à ira:

As emoções [paixões] são causas que fazem alterar os seres humanos e introduzem mudanças nos seus juízos, na medida em que elas comportam dor e prazer: tais são a ira, a compaixão e outras semelhantes, assim como as suas contrárias. Mas convém distinguir em cada uma delas três aspectos. Explico-me: em relação à ira, por exemplo, convém distinguir em que estado de espírito se acham os irascíveis, contra quem costumam irritar-se e em que circunstâncias; é que, se não possui mais do que um ou dois destes aspectos, e não a sua totalidade, é impossível que haja alguém que inspire ira (*Retórica*, II, 1378a).

Em concordância com o que escreve no primeiro livro da *Retórica*, onde é preciso que o orador tenha em sua apresentação os três elementos persuasivos bem relacionados (*ethos*, *pathos* e *logos*), quando aprofundamos a questão do *pathos* e do convencimento, encontramos outra divisão tripla. Tal divisão é comum para todas as paixões, como diz o próprio Aristóteles na sequência da citação acima, e, se os três aspectos não são atingidos, é impossível inspirar a paixão e, conseqüentemente, a persuasão através do diálogo se torna mais difícil.

As paixões são explicitadas por Aristóteles como pares opostos – ligados ao prazer e à dor – e elas estão imbricadas no processo do convencimento. O Estagirita nos lista as seguintes paixões: a ira e a calma; amizade e inimizade; temor e confiança; vergonha e desvergonha; amabilidade e indelicadeza; piedade e indignação; inveja e emulação. Essas paixões podem ser consideradas arquetípicas e pretendem abarcar as diversas possibilidades das interações do ser humano. Apesar de não delimitar estes pares como os únicos possíveis, ao apresentar minuciosamente estes, dizendo também sobre os estados de espírito, a circunstância e contra quem eles são direcionados, pretende-se oferecer um manual completo sobre as paixões e como instiga-las.

Apresentando a arte retórica e estabelecendo sua técnica do discurso, Aristóteles fornece um material denso dentro da questão das paixões, identificando suas características e apresentando os elementos fundamentais de cada um dos pares. Utilizando-se da concepção das paixões dentro da dualidade prazer-dor, a compreensão aristotélica não racionaliza as paixões, mas as coloca como um estado que impacta a alma e a modifica sem precisar de uma atividade reflexiva. As paixões são também desta natureza dicotômica e podem nos levar a um ou a outro (prazer e dor). O convencimento se dá quando a paixão adequada é estimulada e o orador consegue utilizar-se delas em favor do juízo que pretende suscitar no auditório. Assim, as paixões não são um elemento acessório, mas pilares da argumentação e intencionalmente provocadas. Mesmo em suas características apetitivas, é possível identificar todo o jogo das paixões e utilizá-lo em favor próprio, fazendo com que elas despertem quando e como for interessante para o orador. O controle das paixões, a partir de um conhecimento mais aprofundado do que é considerado e apresentado por Aristóteles como arte retórica, é um elemento característico da visão aristotélica, bastante diferente da crítica de Platão que a vê como

algo perigoso praticado por um grupo determinado de pessoas – os sofistas – e que se tornará extremamente importante nas recepções do filósofo.¹⁴

Os pares de paixões são recortes das possibilidades de experiência do ser humano diante do outro e possuem elementos de caráter ético-político. Como a retórica é uma arte que pode ser utilizada pelos bons e maus oradores, e mesmo por aqueles que não passaram por um treinamento para tal, uma vez que é algo da própria natureza humana, a capacidade de afetar o auditório com paixões que alteram o juízo para causas que não são justas, ou verdadeiras, parece ser colocada como o principal ponto de crítica aos sofistas, mas que na retórica aristotélica é entendida como uma possibilidade oferecida pelo próprio processo de convencimento.

Deste modo, percebemos que as paixões aristotélicas são afecções sentidas por todos os seres humanos, como condição característica da sua natureza, e que podem ser causadas intencionalmente através do discurso. Elas não estão no âmbito da racionalidade ou da reflexão, mas ligadas à resposta imediata de um impulso sentido, possuindo uma forte capacidade de condução do juízo segundo a sua natureza. Elas podem fazer com que o assentimento seja dado a algo que não é verdadeiro, mas apenas verossímil, pelo discurso e pelas paixões suscitadas, podendo ser utilizadas para fins bons e ruins. Isso não faz com que Aristóteles expurgue a questão das paixões a partir de um controle rigoroso delas no homem virtuoso, mas o coloca como aquele que sabe moderar a sua própria ação para que, mesmo quando afetado por esses fortes impulsos consiga escolher a temperança.

AS PAIXÕES ESTOICAS

A questão das paixões continuava como um dos problemas fundamentais da filosofia no período dos estoicos, e a “análise dos sentimentos se tornou o foco do debate, entre os estoicos e as demais escolas, a respeito da estrutura da alma e da questão da sua irracionalidade” (BRENNAN, 2006, p.298). Sem apresentar o pensamento de um dos escolarcas estoicos, mas tomando a filosofia estoica como um sistema com eixos

¹⁴ Podemos entender mais essa perspectiva com o artigo de COELHO, M. C. M. N. Considerações sobre filosofia, retórica, imagem e verossimilhança em Platão. *Discurso* - Departamento de Filosofia da FFLCH DA USP, v. 41, p. 185-222, 2011.

alargados, percebemos que dentro da argumentação sobre o sábio e as perturbações do “homem comum”, as paixões (*pathos*) possuem um lugar central.

As paixões são impulsos do ser humano e podem ser caracterizados como sentimento ou paixão (*pathos*). Esses impulsos não são somente da ordem das impressões e de um impacto que chega à alma – como vimos na filosofia aristotélica – mas possuem um elemento racionalizante que pode ser controlado levando ao *bem* e ao *mal*. Williges nos ajuda a entender um pouco da perspectiva dos estoicos dizendo que:

(...) os estoicos são conhecidos na história da ética por sustentarem que as emoções [paixões] não são impulsos, mas estados representacionais ou cognitivos (semelhantes a crenças e juízos) que, quando alimentadas, podem nos conduzir à aflição e ao sofrimento (WILLIGES, 2016, p.14).

Com essa perspectiva diferente da proposta por Aristóteles, é preciso que façamos uma breve explanação sobre a origem e fundamentação da filosofia estoica¹⁵ para entender como o seu projeto filosófico chega a essa definição do *pathos*.

No final do século IV. a.C., fundou-se em Atenas uma escola filosófica onde os seus estudantes se reuniam no pórtico (*stoa*). Por causa da localização da escola, seus seguidores foram chamados de estoicos (os do pórtico), não seguindo a tradição de dar aos discípulos um nome de acordo com o mestre¹⁶. Diferente do epicurismo, onde a figura central de Epicuro determinava o andamento da escola, o pensamento estoico se desenvolveu em um movimento de estudo, comentário e refutação dos seus próprios mestres, trazendo para o debate as críticas externas e internas e, em um processo argumentativo, adequando a sua teoria para responder, da melhor maneira possível, as questões apresentadas.

O fundador da escola estoica foi Zenão, um filósofo de origem semítica nascido em Cício, uma ilha do Chipre, aproximadamente nos anos de 333-332 a.C. e que foi para Atenas, o centro do pensamento grego, atraído pela filosofia. Segundo Diógenes Laércio, existem duas possibilidades para a chegada de Zenão à Atenas. Uma das histórias diz que ele, após um naufrágio, chega à *polis* ateniense e, ao ler a *Memorabilia* de Xenofonte e sentir imensa satisfação, pergunta para o livreiro onde “encontrar homens como

¹⁵ Propusemos fazer uma pequena apresentação da perspectiva filosófica estoica para entender como a sua proposta de “sistema” filosófico orgânico influencia de maneira significativa a questão das paixões.

¹⁶ Apesar de terem sido chamados, no início, de Zenonianos, pela própria forma de desenvolvimento da escola e por seu “espaço físico”, deixaram esse nome para adotar o título de estoicos.

Sócrates” (D.L. 7, 2). Logo em seguida, recebe a indicação para seguir Crates, que estava passando na rua, e se torna seu discípulo. A outra narrativa diz que Zenão estava em Atenas quando recebeu a notícia do naufrágio de sua embarcação e disse: “Traz-me felicidade, Destino, conduzindo-me para a filosofia”. (cf. D.L. 7, 5). Sua formação filosófica teria se dado primeiramente com Crates, o cínico, e com Estilipão Megárico. Depois ouviu os ensinamentos de Xenócrates e Pólemon, releu os antigos físicos (pré-socráticos) e se apropriou de algumas de suas ideias, principalmente da filosofia de Heráclito. Estando em Atenas, e fortemente influenciado pela fundação do Jardim de Epicuro, passou a desenvolver sua própria filosofia que também negava a metafísica e centrava o seu ensinamento em uma “arte de viver”¹⁷.

Apesar de se encontrar no mesmo caminho de Epicuro, no que dizia respeito à sua concepção de filosofia, Zenão e os estoicos contrapunham fortemente os epicuristas, desenvolvendo teses que, muitas das vezes, eram inversões diretas do pensamento dos discípulos do jardim. Mesmo com esse conflito, Reale e Antisseri nos lembram que

não devemos esquecer que essas duas Escolas tinham os mesmos objetivos e a mesma fé materialista e que, portanto, trata-se de duas filosofias que se movem no mesmo plano de negação da transcendência e não de duas filosofias que se movem em planos opostos (2003, p.280).

A escola estoica, porém, teve dois outros grandes filósofos que, pouco a pouco, fortaleceram e ajudaram a sistematizar a “doutrina estoica”, no período chamado de “antiga *stoa*”: Cleanto e Crisipo. Estes três mestres sistematizaram a doutrina estoica e esse *systema*, entendido como um organismo interconectado, é expresso de maneira significativa na obra de Crisipo (com aproximadamente setecentos livros). O pensamento da “antiga *stoa*” é dificilmente diferenciável, uma vez que nenhum dos textos originais chegaram até nós e os fragmentos e as referências que temos são atribuídas, em sua maioria, aquilo que encontramos citado na obra de Crisipo.

É a partir dos textos de Crisipo, e do que ali se preservou, que conhecemos o pensamento dos estoicos e a sua vasta filosofia, organizada neste sistema. O “corpo filosófico” proposto pelos que se reuniam no pórtico se divide em três (como dissemos

¹⁷ Cf. REALE, 2003, p.280.

na introdução deste trabalho) e tentaremos de modo geral seguir a estrutura estoica para apresentar as questões sobre a paixão.

No âmbito da física, os estoicos diziam que o universo é composto por dois princípios: um princípio ativo, o *logos*, e um princípio passivo, a matéria ou substância. O princípio ativo é eterno e responsável pela organização e coesão do mundo, sendo nomeado de diversas maneiras. Em uma filosofia materialista, fugindo de qualquer relação metafísica, esses dois princípios são corporais¹⁸. A relação entre esses dois princípios na constituição do ser é melhor apresentada por Santos, nos dizendo que:

O ser será considerado como sendo a unidade e o centro de todas as partes que constituem sua substância, e de todos os eventos que constituem sua vida. Ele será o desdobramento no tempo e no espaço desta vida, com suas mudanças contínuas. (2008, p.36).

Na relação dessas partes temos o conceito estoico de *pneuma* que faz a interação entre ambas e ajuda no entendimento da doutrina das paixões. A alma possui dimensão corporal e suas relações se dão a partir de um *pneuma ígneo* que produz a unidade entre as partes. Essas partes que não são distintas, mas apenas funções diferentes de um mesmo todo que executam uma tarefa especializada. Assim, os cinco sentidos não estão em partes diferentes da alma, mas atuam de maneira distinta em um mesmo movimento cognitivo junto às impressões.

As paixões são sentidas de maneira física, pois nenhuma realidade para os estoicos está para além do material, e esses sentidos as percebem de maneira racional na medida em que acontecem. Quando as paixões nos afetam, o corpo como uma unidade reage de maneira particular a cada um dos impulsos. Se sentimos medo, o coração dispara. Se sentimos vergonha, nossa face fica corada. É uma alteração corporal que está relacionada com o movimento do *pneuma* em direção a certas partes de nosso corpo e o seu aquecimento e/ou esfriamento.

Se esta teoria dá conta das paixões mais básicas, ao falarmos do desejo e das outras que estão ligadas às deliberações mentais, precisamos colocar junto a esse arcabouço teórico os conceitos de conhecimento e opinião. Segundo a física estoica, existe uma

¹⁸ Cf. D.L. 7, 134

razão em todo o cosmo que o organiza da forma como ele é e que estão em constante atividade na natureza. Essa razão está presente em toda e qualquer matéria e é por isso que podemos apreender/conhecer. Nossos órgãos sensoriais são capazes de, ao se voltar para os objetos do mundo, receber as suas impressões (ou seja, o conhecimento é imanente às coisas) e dar assentimento àquilo que é verdadeiro. Aos seres humanos foi dada a racionalidade capaz de realizar esse processo de conhecer, porém para os animais existem apenas os impulsos que não podem ser controlados pela conformidade com a ordem cósmica.

Mas, já que no caso dos animais foi acrescentado o impulso por meio do qual os mesmos se dirigem a seus próprios fins, daí decorre que sua disposição natural atua no sentido de seguir o impulso. E já que os seres racionais receberam a razão com vistas a uma conduta mais perfeita, sua vida segundo a razão coincide exatamente com a existência segundo a natureza, enquanto a razão se agrega e eles como aperfeiçoadora do impulso. (D.L. 7, 86, p. 201)

Os estoicos, segundo Diógenes Laércio, entendiam que o impulso também é parte do ser humano (e isso é importante na questão das paixões), mas estes poderiam, através da razão, distinguir entre os próprios impulsos aqueles que são bons ou ruins para a vida. Esses impulsos, dotados de um estatuto dentro da ordem de organização do cosmo e do ser humano, podem, de alguma maneira, ser fortalecidos pela irracionalidade e tornarem-se um desvio tirânico e destruidor. Por isso, é preciso que as paixões sejam controladas, de maneira a encontrar a moderação, personificando-se, como modelo a ser seguido, a *apathe* dos sábios.

Partindo da ideia de que os estoicos determinam a paixão como uma realidade material que pode ser percebida por todos, organizam-se os impulsos do ser humano em quatro paixões fundamentais: a dor, o medo, o desejo sensual e o prazer. Sem apresentarmos detalhadamente cada uma dessas paixões, podemos perceber que elas pretendem abarcar todas as outras que delas são desencadeadas. Sucumbir a essas paixões, descontrolando a ordem racional do corpo, é, para os filósofos estoicos, como contrair uma “doença da alma”¹⁹.

¹⁹ Cf. BRUN, 1986, p.82.

Encontramos essa postulação das paixões como doenças, relacionando-as com as mazelas corporais, em Diógenes Laércio:

Da mesma forma que se fala de algumas enfermidades do corpo, como a gota e o artritismo, também existem enfermidades da alma, como o amor à glória, a busca do prazer e similares. A enfermidade da alma é uma afecção ligada à debilidade, e consiste em imaginar que uma coisa é fortemente desejável, quando na realidade não é. (7, 115, p. 207)

Percebemos que as paixões são um juízo, e, no caso do seu descontrole, se configura como uma crença de que algo é bom/desejável, quando na realidade não o é. Neste caso, deixam o caráter de acaso no qual os seres humanos caem de acordo com as suas disposições e se tornam quase que de natureza intelectual. Isso é coerente com todo o sistema estoico, uma vez que tudo que existe é do âmbito material e é a razão que coordena e dá coesão ao cosmo.

Voltando às categorias da verdade estabelecidas na epistemologia estoica, as paixões seriam, neste sentido, a adesão à uma falsa impressão do mundo que assentimos de maneira forte e, como é uma opinião, nos leva ao engano e ao erro. Ainda segundo a física estoica, o assentimento faz com que o corpo se direcione, como impulso forte, para aquele objeto/impressão, do qual se assente, e o assentimento às paixões, que são erros, levam à uma moral deteriorada porque não está comprometida com a verdade.

Como os estoicos acreditam que todas as paixões nascem de um juízo e de uma opinião, é facilmente perceptível que elas são, dentro do sistema proposto, viciosas e estão em nosso poder, podendo induzi-las ou controla-las. A doença intelectual estoica – as paixões – podem ser controladas e somente por este caminho é que se pode encontrar a saúde e a felicidade.

A *ataraxia* para os estoicos se estabelece a partir de uma doutrina da apatia. As paixões como erros do *logos* não entram na categoria de “controle”, mas, segundo a própria teoria dos estoicos, devem ser erradicadas por completo. Essa eliminação da paixão acontece com o exercício do *logos* de maneira mais reta e assentindo apenas às verdades, aniquilando-as assim que um desvio daquilo que é verdadeiro aparece. Não dando assentimento aos erros, isto é, eliminando toda a opinião de sua vida, não ocorre a perturbação do espírito. Esses que conseguem atingir tal posição extrema são aqueles que os estoicos consideram como sábios.

Neste ponto percebemos que a teoria das paixões dos estoicos, assim como a proposta aristotélica, adentra no campo da ética, pois estão ligadas ao agir do ser humano no mundo e aos conceitos de bom e mau, na medida em que podem conduzir o ser humano a este ou aquele caminho a partir da força do seu impulso e do assentimento que este dá às paixões.

APROXIMAÇÕES E DIVERGÊNCIAS

Reconhecendo que as *teorias da paixão* das filosofias aristotélica e estoica são propostas em “sistemas” coesos e com elementos da física, psicologia e lógica, apresentaremos, de maneira geral, nesta última sessão do nosso trabalho, uma curta aproximação destas duas teses e suas possíveis divergências.

Começando pelo aspecto da ação das paixões na alma humana, percebemos que na perspectiva aristotélica não existe um processo cognitivo/racional para assentir ou rejeitar uma paixão de imediato. É essa a força que a paixão adquire com seu lugar no discurso, porque pode afetar o juízo de imediato, perdendo a sua força na medida em que o processo racional é realizado pelas faculdades superiores da alma. Porém, se para Aristóteles essa força das paixões é latente e, de certa medida, irracional, ao conceber na filosofia dos estoicos uma dimensão racional aos sentidos, ao ser impactado pelas paixões já ocorre o processo de discernimento sobre tais, e, ao mesmo tempo, dá-se o assentimento ou não, movendo o corpo em direção àquele impulso.

Aproximam-se as duas concepções nesse aspecto do “poder de alteração do juízo” que a paixão possui, porém o que em Aristóteles é tido como um impulso pontual gerado por um conjunto de fatores, na perspectiva dos estoicos caracteriza-se como um desvio fundamental na conduta do ser humano, levando-o a assentir a algo que não corresponde à verdade. Se na epistemologia aristotélica o critério de verdade não depende de um assentimento às impressões, as paixões não são uma “doença da alma”, mas uma inclinação que ela sofre para aquilo que o *pathos* nos direciona. Ao tratar da moderação das paixões, Aristóteles sugere um controle a partir da reflexão e do discernimento sobre o impulso, admitindo, porém, que as coisas aparecem de maneiras diferentes para os que estão em “distintos estados de espírito”. Os estoicos não dizem sobre a moderação das

paixões, mas que devem ser erradicadas, pois como elas estão ligadas à uma impressão falsa da realidade, e são uma ação errônea do *logos*, ao colocar a razão em um “reto caminho” o sábio não se engana mais pelas paixões. Diferente do que podemos pensar, as paixões não deixam de afetar os seres humanos, mas com a razão refinada, não há impulso em direção a elas, nem assentimento. Um sábio estoico não seria influenciado em seu julgamento pelo discurso retórico proposto na *Retórica* de Aristóteles, e assentiria ao que se mostra de acordo com a verdade: a impressão cataléptica. Brennan nos ajuda a compreender essa interpretação dos estoicos, que não invalida a existência das paixões, mas o assentimento dado a elas:

Quando temos um impulso com reserva, não alteramos o conteúdo do próprio impulso, simplesmente alteramos as crenças a respeito do nosso êxito futuro que caracteristicamente acompanham os impulsos, especialmente os impulsos sentimentais. Impulsos com reserva não constituem classe distinta de impulsos, e a adição de uma reserva a um sentimento não faz com que ela deixe de ser sentimento. (2006, p.303)

Em nossa leitura, a proposta de Aristóteles não seria descartada, tomando como pressuposto uma racionalidade na percepção das paixões – como propõe dos estoicos -, uma vez que a maioria dos seres humanos seriam impactados pela paixão de maneira aberta, e essa teria o poder de alterar o juízo segundo o impulso que produziria no auditório. O sábio estoico estaria imune ao discurso retórico, pois nunca assentiria a algo que não fosse a verdade e as paixões não o levariam, de modo algum, a assentir a uma impressão falsa. Porém, o que vemos na perspectiva aristotélica é que também o homem virtuoso consegue “temperar” esses impulsos, sabendo quando eles levam à juízos errôneos e consegue se conduzir sempre no caminho da justiça. Se o sábio estoico consegue se resguardar do assentimento às falsas impressões, o homem virtuoso aristotélico se insere no contexto político colocando as paixões em relação com a *praxis* da vida na *polis*.

Mesmo que com direções diferentes, fica claro que as paixões “descontroladas” são tratadas como problemáticas nos dois “sistemas” filosóficos. As consequências da manipulação das paixões no discurso são sentidas em todo o sistema jurídico/político, e o descontrole do ser humano com o assentimento às opiniões leva às ações más e, conseqüentemente, nas relações que estabelece. O aspecto ético irrompe como a aplicação dessa teoria nas escolhas cotidianas dos seres humanos.

Neste sentido, o contexto da Grécia antiga tem no “problema das paixões” um dos eixos fundamentais da formação do cidadão e isso se desdobra em suas escolas filosóficas como uma questão central dentro da concepção da natureza humana, seja ela na junção da matéria com a forma e os elementos racionais (como na filosofia aristotélica) ou na pura materialidade que se organiza em um *logos* universal (como concebem os estoicos). As paixões são condicionantes, inegáveis, da ação humana, mas o seu estatuto, a sua manipulação, o seu lugar na alma, e o seu compromisso com a verdade se tornam material de contínua análise filosófica, ressoando no pensamento dos filósofos posteriores e, de certa maneira, tornando-se um dos pilares da filosofia ocidental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos ao longo deste trabalho que a investigação filosófica sobre uma mesma “questão” pode encontrar opositores distintos e, desta maneira, buscar formas diferentes de argumentar, sistematizar e responder uma mesma matéria. Se o contexto aristotélico leva a uma resposta de certa forma positiva para as paixões, não as colocando como vícios do ser humano, mas acreditando que a moderação é o caminho para que, sem abandonar sua natureza própria, consigamos viver da melhor maneira para a *polis*, os estoicos precisam se contrapor à busca constante das paixões por parte dos epicuristas. A resposta estoica é mais radical, propondo uma apatia como o caminho da imperturbabilidade, levando – em consequência disso – a uma vida feliz.

Os sistemas filosóficos, apesar de distintos, precisam relacionar a ética, a física, a psicologia e a lógica, para que a própria coesão do sistema consiga responder os seus opositores, demonstrando que, se é inerente que as paixões influenciam a ação e o julgamento, como a linguagem e o conhecimento entram nessa estrutura filosófica? A paixão afeta os âmbitos racional e irracional e, cada a um a seu modo, Aristóteles e os estoicos enlaçam no seu “sistema filosófico” o lugar da paixão para assim, afirmando a sua existência e forma, a colocar – positiva e negativamente – à serviço do *logos*.

As teorias que apresentamos, buscando pontuar às aproximações e divergências, respondem às questões que se apresentam e vão além. Elas refletem como a paixão, mesmo fundamentalmente humana, pode ser o elemento de desequilíbrio do

convencimento ou da vida feliz. Aristóteles e os estoicos se debruçaram sobre a demanda de seu tempo, como os filósofos fazem ao tentar sistematizar o mundo dentro dos argumentos coesos – ou não – de sua filosofia.

BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES. *Retórica*. Trad. Manuel Alexandre Junior, Paulo Farhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

_____. *Retórica das Paixões*. Trad. introd. e notas de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *Ética a Nicômaco*. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Editora Abril Cultural. 1984. (Coleção Os Pensadores).

BARNES, Jonathan (org.). *Aristóteles*. Trad. Ricardo Hermann Ploch Machado. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009. (Coleção Companions & Companions)

_____. *Aristóteles*. Trad. Adail Ubirajara Sobral; Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

BERNARD, Besnier; MOREAU, Pierre-François; RENAULT, Laurence. *As paixões antigas e medievais*. Trad. Miriam Campolina Diniz Peixoto. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

BERTI, Enrico. *Perfil de Aristóteles*. Trad. José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2012.

_____. *Novos estudos aristotélicos I: Epistemologia, lógica e dialética*. Trad. Élcio de Gusmão Verçosa Filho. São Paulo: Edições Loyola, 2010. (Coleção Aristotélica)

_____. *Aristóteles*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. São Paulo: Ideias & Letras, 2015.

BRENNAN, Ted. Psicologia moral estóica. In: INWOOD, Brad. *Os estoicos*. Trad. Paulo Fernando Tadeu Ferreira e Raul Fiker. São Paulo: Odysseus Editora, 2006. (The Cambridge companion to the stoics)

BRUN, Jean. *O Estoicismo*. Trad. João Amado. Lisboa: Edições 70, 1986.

BRUNSCHWIG, Jacques; SEDLEY, David. Hellenistic Philosophy. In: SEDLEY, David (org.). *The Cambridge companion to Greek and Roman Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

COELHO, Maria Cecília M. N. Considerações sobre filosofia, retórica, imagem e verossimilhança em Platão. *Discurso* - Departamento de Filosofia da FFLCH DA USP, v. 41, p. 185-222, 2011.

DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Trad. Mario da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1988.

FONSECA, Isis Borges B. Introdução. In. ARISTÓTELES. *Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. IX-XV.

HÖFFE, Otfried. *Aristóteles*. Trad. Roberto Hofmeister Pich. Porto Alegre: Artmed, 2008.

INWOOD, Brad (org.). *Os estoicos*. Trad. Paulo Fernando Tadeu Ferreira e Raul Fiker. São Paulo: Odysseus Editora, 2006. (The Cambridge companion to the stoics)

KENNEDY, George A. *On Rhetoric: A theory of civic discourse*. 2ª ed. Oxford: Oxford University Press, 2006.

LONG, A.; SEDLEY, D. N. *The Hellenistic Philosophers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. Obs.: vol.1: Translations of the principal sources with philosophical commentary.

REALE, G; ANTISERI, D. *História da Filosofia: filosofia pagã antiga*. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003. (Vol.1)

SANTOS, Ronildo A. *Sobre a doutrina das paixões no estoicismo*. Tese (Doutorado em Filosofia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2008.

SEDLEY, David (org.). *The Cambridge companion to Greek and Roman Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

WILLIGES, F. Abordagens sentimentalistas em ética: um histórico e perspectivas. In: WILLIGES, F; SAUTTER, F. T. (org.). *Razão e Emoção: ensaios em ética normativa, metaética e ética aplicada*. Santa Maria, RS: FACOS-UFSM, 2016, p.13-39.

ZINGANO, Marco. *Ethica Nicomachea I13-III8 Tratado da virtude moral*. Tradução, notas e comentários. São Paulo: Odysseus/FAPESP, 2008.